

O F A R O L

P A U L I S T A N O.



*La liberté est une enclume qui userd tous les
marteaux.*

SABBADO 4 DE AGOSTO.

DISCURSO DO VISCONDE DE CHATEAUBRIAND.

MR. de Chateaubriand, Par de França, fez imprimir ha pouco a opinião, que elle pertendia expender ácerca da Lei Vandada. Digna é sem duvida, por qualquer modo que se considere, esta opinião do célebre escriptôr, que tam nobremente defendeo as liberdades da França. Não sendo possível dál-a por inteiro, nem por isso nossos leitores desgostarão que lhes façamos conhecer aqui a devião, e algumas passagens d'este discurso.

Eis, Senhores—diz o nobre Par—as 4 verdades que tenho a demonstrar:

1.^a A lei não é necessaria, porque nos sobráo leis repressivas dos abusos da imprensa: os tribunaes tem feito o seo dever.

2.^a Os crimes e delictos imputados ao uso e liberdade da imprensa, commettidos não forão pela imprensa, e sob o regimen da liberdade da imprensa.

3.^a A religião não interessa no projecto de lei, o qual nenhum soccorro lhe presta: o espirito do Christianismo, e o caracter da Igreja Gallicana estão em opposição directa com o espirito do projecto de lei.

4.^a A lei não é d'este seculó; não é applicavel ao estado actual da sociedade.

Mr. de Chateaubriand, depois de ter desenvolvido cada uma das 4 proposições, e feito um pomposo elogio á modicidade Franceza, acaba o seo discurso com as seguintes reflexões:

E' facto incontestavel, que em toda a parte em que tem sido estabelecida a liberdade da imprensa, ella tem adoçado e depurado os costumes, illustrando os espiritos. Quando terminarão tantos assassínios de Reis, tantas e tam atrozes guerras civis, que de-solárão a Inglaterra? quando se firmou a liberdade da imprensa. Duas vezes quiz a incredulidade mostrar-se na Inglaterra sob as bandeiras de Tolaud e de Hume, duas vezes a liberdade da imprensa a repellio. Extendei os olhos sobre o resto da Europa, e conhecereis que a corrupção dos costumes anda precisamente na razão dos mais ou menos estorvos, que os Governos põe á expressão do pensamento. Provado já foi por um escriptôr, que consagra vigílias a trabalhos uteis, que menos desordens se fazem naquelles bairros de Paris, onde ha mais instrucção. Fallarão-vos da multidão dos máos livros: um sabio collega nosso, que ao mesmo tempo é homem d'estado e homem de letras superior, demonstrou por calculos sem réplica, que as obras sobre religião, historia, e sciencias, isto é, todas as obras sérias, augmentarão depois da liberdade n'uma proporção que faz honra ao espirito publico.

Senhores, a verdadeira censura, é a que a liberdade da imprensa exerce sobre os costumes. Com o silencio dos periodicos far-se-hião coisas vergonhosas, que não ousão aventurar-se, com a vigilancia da imprensa. Os grandes escândalos, os grandes crimes, com que os mais elevados

MANCHADA

grãos da sociedade tem manchado as paginas da historia, serão hoje impossiveis com a liberdade da imprensa. E pouco ou nada valerá uma liberdade, que póde prevenir a consummação de um crime, ou que obriga os chefes dos imperios a unirem a decencia com as outras virtudes suas?

Era facil ao Autor do *Genio do Christianismo* demonstrar sem réplica aos seus contradictores, que o projecto de lei nada tinha de commum com a religião (assignalamos este pedaço como um dos mais notaveis d' este discurso).

A lei não é applicavel ao estado actual da sociedade.

O que se segue é a ultima parte do discurso do Nobre Par, a qual deve acordar bem serias reflexões.

Precisos são muitos seculos para amadurecer as coisas, para trazer uma mudança essencial as sociedades. Quatro ou cinco revoluções intellectuaes compõe até agora a historia toda do genero humano. Destinados fomos, Senhores, para assistir a uma d'ellas. Sentão-se n' esta Camara muitos homens da minha idade: estamos precisamente na epoca, em que o trabalho lento e gradual dos seculos se manifestou. Os primeiros movimentos da America do Norte apparecerão em 1765; de 1765 a 1827 vão 62 annos. Eu vi Washington e Luiz 13: a republica representativa ficou na America com o nome de Washington, a monarchia representativa na Europa continental com o nome de Luiz 18.

Qual facto é esse que se devolveo aos dois mundos, depois de 50 annos de guerras civis e estrangeiras? Este facto é a liberdade republicana para a America, monarchica para a Europa continental. Sabido é hoje, que a liberdade póde existir em todas as formas de governo. A liberdade não vem do povo, não vem do rei; não decorre do direito politico, mas do direito da natureza, ou antes do direito divino; ella emana de Deos, que entregou o homem ao seo livre arbitrio, de Deos que não poz condição á falla, quando nol-a deo, deixando ás Leis o poder de punir seus abusos, mas não o direito de a suffocar.

Porque se não constituiu a republica Françeza? porque trahio a liberdade, principio da revolução geral. Porque foi destruido o imperio? porque não quiz esta liberdade. Porque se restabeleceo a monarchia legitima? porque se appresentou com todos os seus direitos por herdeira da liberdade.

Fixando-se enfim o principio, pelo

qual, ha 60 annos, os dois mundos tem sido agitados, resultou que a sociedade se coordenasse com esse principio, o qual penetrou todas as nossas instituições. As leis, os costumes, os usos tem gradualmente mudado; do mesmo modo não são os objectos considerados, porque o ponto de vista não é o mesmo. Desvanecerão-se os prejuizos; sentirão-se necessidades até então desconhecidas; outro genero de ideas se desenvolveo; outras relações s'estabelecerão entre os membros da familia geral. Outro contracto fizerão os governantes e os governados; preciso foi criar nova linguagem para muitas partes da economia social. Nossos filhos já não tem os nossos sentimentos, os nossos gostos, os nossos habitos: seus pensamentos em outro terreno profundão suas raizes.

Todavia, Senhores, as gerações contemporaneas não morrem exactamente no mesmo dia: *ha no meio da raça nova hemens do seculo preterito que gritão = tudo está perdido = porque a sociedade; á qual pertencião, s'escon d'elles, sem que o percebessem. Obstinados não querem crer nesta desapparição; e; julgando sempre o presente pelo passado, applicão a este presente máximas de outras eras, sempre persuadidos que podem re suscitár o que já não existe. (*)*

Verdade é portanto, Senhores, que a tyrannia tem um meio de intervir na monarchia representativa; eis como: os tres poderes poderião dar-se as mãos para destruir todas as liberdades; um ministerio conspirando contra estas liberdades, duas camaras venaes e corrompidas; votando tudo quanto quizesse este ministerio, sepultariao inlubitavelmente a nação na escravidão, ou seria esmagado debaixo do triple jugo, monarchico, aristocratico e democratico. Então o governo representativo se tornaria a mais formidavel machina da escravidão, que tem sido inventada pelos homens. Felizmente, pela mesma natureza dos tres poderes, esta coalisaõ pouco duraria: que explosão exterior, que reacção, mesmo nas camaras, quando acordássem!

Eis pois, Senhores, o engano em que cairão aquelles, cujo espirito inspirou o presente projecto de lei: sonhaõ a monarchia absoluta sem suas illusões, o despotismo militar sem sua gloria, a monarchia representativa sem suas liberdades. Esperemos para segurança do reino, que o poder nunca mais recaia em semelhantes mãos. Se estes insensatos tentassem

(*) Estaria o Nobre Par algum tempo entre nós? Ou se estivesse, descreveria elle melhor a maneira de pensar de certos homens?

unicamente impôr tributo em um dos seus tres systemas, o primeiro Hampden que se julgasse com direito de o recusar, incendiaria toda a França:

Debalde se irritão contra os desenvolvimento da intelligencia humana. As idéas que em outro tempo eraõ um movimento do espirito fóra da esphera popular, saõ hoje interesses sociaes, que se applicaõ a toda a economia dos governos. Tal é o verdadeiro motivo da resistencia que encontra hoje todo aquelle que quer ir d'encontro a taes idéas. Chegamos á epoca da *razão politica*: esta razão soffre o combate que a *razão moral* soffreo, quando JESUS CHRISTO a trouxe ao mundo com a lei divina. Tudo o que resta da velha sociedade politica está em armas contra a razão politica; assim como tudo o que restava da velha sociedade moral insurgio contra a razão moral do Evangelho. Esforços inúteis! as monarchias já não tem as condições de ignorancia necessarias para n'isto consentir. Se as monarchias modernas não quizerem parar na monarchia representativa, depois de vãs tentativas de arbitrariedades, caíraõ na republica representativa. E' pois arremessar-nos em um abysmo apresentar-nos uma lei, que destruindo a liberdade da imprensa, quebra a grande mole da monarchia representativa. Isto não são vãs theorias; são factos que por serem de alta natureza, nem por isso deixaõ de ser factos que dominaõ toda a materia. Vós Senhores, lhes fareis mui séria attençaõ, quando discutirdes os artigos do projecto de lei.

(Do Echo)

Não precisa de notas este discurso que fielmente trasladámos do *Echo*, periodico que até agora merece os elogios que lhe temos dado. Julgamos todavia do nosso dever acrescentar que o Visconde de Chateaubriand, Par de França, e ex-Ministro d'Estado d'aquella Naçaõ, que provavelmente veria com uma pasta o illustre Canning, se este fosse Francez, jamais passou por *ultraliberal*, mas sempre por constitucional muito vizinho do *absolutismo*, e taxado de *absolutista* por todos os liberaes Francezes, como será facil ver pela simples leitura dos Periodicos mais acreditados, que em França se tem publicado e publicaõ.

O Redactor

CORRESPONDENCIAS.

Sr. Redactor.

Concluindo apenas meos estudos de Grammatica Latina, desejei ardentemente applicar-me á lingua Franceza, por ouvir dizer constantemente, que ella é en-

tre nós tem canal seguro, por onde se adquirem grandes conhecimentos. Com effeito, agora que comêço meos primeiros ensaios de traducção, já me vou convencendo d'esta verdade por alguma porção de experiencia propria. Encontrei no Autor que traduzo (cuja obra, diz meo Mestre que é excellente, e tem merecido por sua alta importancia ser traduzida em todas as linguas; que fallaõ os povos, que aspiraõ á felicidade) encontrei, digõ, um artigo, que me resolveo uma especie de duvida, que desejava há muito decidir. E' o caso: desde que se fallou em *Constituição*; notei que tanto os homens de letras, como os que passavão por ter juizo são, e bom senso, publicavão — *que ella era coisa muito boa, e que um bom Rei, verdadeiramente amante da prosperidade de seus subditos, deveria ser sempre Constitucional* — e uns certos homieus, que se dizião grandes (não em saber, nem em numero), parecião não gostar d'ella; affirmando com uma especie de furia — *que elles só querião um Rei ou Principe bem Despotico ou, como lhe chamão outras, Absoluto por ser o melhor* — Ignorando eu então por falta de luzes, para que lado estava a razão; hoje mais adiantado, estou convencido intimamente da bondade da *Constituição*; e julgo não ser fóra de proposito rogar-lhe, Sr. Redactor, faça publicar no seu estimavel periodico o referido artigo, que me abriu os olhos por conter o quadro da condiçaõ e situaçaõ de um *Rei Absoluto*, tal como o desejão os *ignorantes* ou *os de má fé*: publique, Sr. Redactor, para convencer a aquelles, e confundir a estes. Desculpe entre tanto a ruim traducção de um

Principiante de Francez.

TRADUCÇÃO

O Soherano, quanto mais é absoluto, tanto é menos poderoso. Elle de tudo se apodera, tudo arruína; elle só é o unico proprietario de tudo quanto encerra o Estado: mas por esta mesma razão o Estado inteiro não tem valor algum; os campos não são cultivados; antes parecem um deserto: as Cidades perdem pouco a pouco seus habitantes; o commercio declina todos os dias, e a final s'extingotta. O Rei, que cessa de ser um Rei, desde que não tem subditos, que governe, e que sómente é grande em razão do seu povo, perde insensivelmente o seu character, e o seu poder, á proporção que se diminue o numero do povo, de quem elle deriva suas riquezas e sua dignidade. O Estado fica exaurido de dinheiro e de homens; e esta ultima perda é a maior, e a

que menos se pôde remediar. Seo poder absoluto reduz á condição de escravos todos quântos erão seos subditos. O Monarca absoluto é lisonjeado; até fingem todos que o adorão; todos tremem ao menor aceno de seos olhos: esperai porém a menor revolta; este poder monstruoso succumbe debaixo de seos próprios excessos; elle não tem recurso algum no coração, nem no amor dos povos; porque elle já tem fatigado e irritado a todas as classes do Estado; porque elle tem obrigado aos membros de todas ellas a suspirarem por uma nova ordem de coisas. A' primeira opposição, ao primeiro golpe que se lhe dá, o idolo cae por terra, faz-se em pedaços, e é calcado aos pés. O desprezo, o odio, o temor, o re-sentimento, a desconfiança, em uma palavra, todas as paixões desenfreadas se ligão contra uma autoridade tam odiosa. O Rei, que em sua vã prosperidade não encontrára um só homem de bastante coragem para dizer-lhe a verdade, não achará tambem em sua desgraça um só assaz benigno para desculpar seos erros, nem defendê-lo contra seos inimigos.

Sr. Redactor

Como Vm. talvez não possa responder ao que s'exige na correspondencia do Sr. *Amigo de Razões* inserida no seo Farol N.º 33, tomo eu a meo cargo essa tarefa, por isso que estou ao facto de alguns objectos relativos á Alfandega de Sanctos.

Admira-se o Sr. *Amigo de Razões* de se abrirem na dicta Alfandega os caixões, barris, e outros volumes, não se practicando a mesma *Brincadeira* com os fardos, que vem para o interior da Provincia. Tem razão o Sr. *Amigo de Razões*, mas é porque elle não sabe, nem poderá talvez saber do cap. 16 das Direcções preliminares da Alfandega, que determina *sejão unicamente exceptuados de appresentar carta de guia os pacotes vindos do Rio de Janeiro directamente arrumados e destinados para as Capitánias centras, por constarem de muitas e desvairadas peças de muscataria, compradas por miudas porções em differentes lojas d'aquella Cidade, e por este fundamento impossivel o extracto individual da carta de guia =*

A' vista do que é claro que não há precisão alguma de abrir os dictos fardos, pois que a dispensa da mesma carta de guia excusa qualquer outro exame.

Não succede porém o mesmo com os

caixões e barris, que além de não virem especificados no citado cap. estão ainda sujeitos ao mais escrupuloso exame, em observancia da Provisão da Juncta da Fazenda de 25 de Outubro de 1826, que positivamente ordena a maior vigilancia e zêlo com os dictos volumes para impedir a importação das chapas e moedas falsas de cobre, que podem introduzir-se occultamente, conduzidas em barris e outros volumes de pregaria e ferragem; e se os Officiaes encarregados d'este exame contentão-se em ver o primeiro objecto, que se lhes appresenta, é sem duvida por uma indulgencia mal entendida, ou talvez porque ainda não soube d'esse desleixo o Juiz da Alfandega, o qual estou certo que faria observar litteralmente a referida Provisão, com cuja observancia não deve haver *brincadeira*.

Quer mais o Sr. *Amigo de Razões*, que se permitta repregar os dictos volumes, depois de examinados. Com effeito, é querer muito. Onde vio o Sr. *Amigo de sem razões*, quero dizer, de *Razões* sabirem pela Porta da Alfandega taes volumes feixados? Pois como hade o Conferente da sahida verificar, se esses volumes contêm o que se refere no Despacho? para que serve entã o emprêgo de Conferente, emprêgo de tanta ponderação, por isso que d'elle depende o evitar, que haja trocas de fazendas despachadas com as que inda o não forão, e mesmo que saião algumas sem despacho com grave prejuizo dos Direitos Nacionaes, objecto este tam recommendado pelo Foral da Alfandega do Porto e mais regimentos? Então, se não hão de ser fiscalizados d' esta fórma os Direitos Nacionaes, seria melhor que os generos deixassem de entrar na Alfandega, e fossem já de bordo para a casa de seos donos, para s'evitar a rapacidade dos escravos ladrões dos Sr.ºs. Negociantes.

Eis o que ha a este respeito, Sr. Redactor: e julgo ter satisfeito ao Sr. *Amigo de Razões*, e que elle ficará convencido de que não é *por incommodar os ouvidos dos Srs. Officiaes* que se não tornão a pregar os volumes, pois julgo que os Empregados antepõe a observancia das ordens ao seo incommodo pessoal.

Sou, Sr. Redactor, seo venerador,

o Inimigo de mal fundadas razões.